COMENTÁRIO AO
ULTIMATUM FUTURISTA ÀS GERAÇÕES PORTUGUESAS DO SÉCULO XX

Escrito por um artista multidisciplinar do século XX, a interventiva obra "o Ultimatum Futurista" foi um manifesto futurista, apresentado no Teatro da República em 1917. Nesta conferência Almada Negreiros explicita o seu descontentamento com o povo português da sua época. Caracteriza-o como não mercedores da existência deste artista e incita uma pátria mais proativa e focada na atualidade ("É preciso ter a consciência exata da Atualidade. É preciso substituir na admiração e no exemplo os velhos nomes de Camões, de Vítor Hugo, e de Dante pelos Génios de Invenção: Edison, Marinetti, Pasteur, Elchriet, Marconi, Picasso, e o padre português, Gomes de Himalaia. FINALMENTE: é preciso criar a pátria portuguesa do século XX.").

Primeiramente, considero-me uma jovem interessada e reivindicativa. Gosto de conversar e debater pois creio que é o diálogo e a partilha de ideias que nos faz evoluir. Acredito também que a passividade de alguns dos jovens da minha idade é bastante preocupante. Assim, a ideia de um manifesto que frisa a importância da participação das gerações atuais na criação de uma pátria melhor, seria algo com que concordaria. No entanto, não foi o que se sucedeu depois de ler atentamente a obra de Almada Negreiros.

Este começa por dizer que ninguém escolhe onde nasce, mas é uma escolha individual aquilo que fazemos para tornar a nossa existência a mais significativa possível. Cabe-nos a nós fazer um esforço para marcar a diferença, por mais pequena que seja. Contudo, Almada Negreiros desenvolve esta ideia focando-se maioritariamente em argumentos que vão contra aquilo que acredito.

Começa por desenvolver a sua opinião contra a guerra ("É a guerra que proclama a pátria como a maior ambição do homem. É a guerra que faz ouvir ao mundo inteiro pelo aço dos canhões o nosso orgulho de Europeus. Enfim: a guerra é a grande experiência."). Esta glorificação de uma situação de sofrimento e disputa violenta deixou-me inquieta. Nos meus poucos anos de vida, coexisti com dezenas de guerras: milhares de vidas perdidas, milhares de famílias separadas, milhares de casas destruídas e nações perdidas. Com tudo isto tido em conta, ainda se podem eleger vencedores e vencidos? Depois de tanta desgraça, ainda há alguém que ganha? O que é uma vitória numa guerra? São os poucos que sobrevivem, mutilados ou traumatizados? Almada Negreiros procede dizendo "É na violência das batalhas da vida e das batalhas das nações que se perde o medo do perigo e o medo da morte em que fomos erradamente iniciados." São estes homens, que passam pelo sofrimento, pela doença e pela morte, que saem gloriosos pois vencem medos? E será que vencem de facto medos, ou ganham medo da humanidade, disposta a perder cada vez mais pessoas em nome do orgulho?

"Portugal é um país de fracos. Portugal é um país decadente". Não me considero muito nacionalista e devo admitir que vivo uma vida bastante focada no resto mundo. Ainda assim, a frieza com que todo o manifesto, e em especial estas duas frases, foram escritos deixam-me de certo modo angustiada. Sei que ha inúmeros aspetos a melhorar em Portugal, tal como em todas as outras nações, mas tenho as minhas dúvidas quanto à eficácia prática destas cruéis afirmações na geração do século XX. Uma assertiva chamada de atenção é uma solução utilizada recorrentemente após a identificação de um problema persistente, mas quando Almada Negreiros enumera dez duros motivos que o fazem afirmar com certezas que "Portugal é um país decadente", temo que seja encarado de malgrado e não como um incentivo à mudança.

Durante a sua enumeração, Almada Negreiros refere inúmeros aspetos, alguns com os quais me identifico, outros não tanto. No entanto, não posso deixar de referir algo dito no 10 aspeto.

"É preciso educar a mulher portuguesa na sua verdadeira missão de fêmea para fazer homens.". Compreendo que, enquadrando o manifesto na sua época, o machismo era algo completamente normal e fazia parte do dia-a-dia de qualquer membro da sociedade portuguesa. No entanto, à luz dos dias de hoje, não posso deixar de criticar o desprezo quanto ao papel da mulher na sociedade. É de destacar que embora os primeiros movimentos de emancipação feminina tenham surgido nas primeiras décadas do século XX, muitos dos seus direitos apenas foram reconhecidos décadas depois. É espectável que um movimento que se autointitula "futurismo" se apoie em ideias inovadoras, revolucionárias, que incitem à evolução, e não à regressão. Contudo, a redução da existência do sexo feminino a uma "fêmea para fazer homens" contribuiria para a regeneração da nação portuguesa que Almada Negreiros considerava imprescindível.

Para terminar, é importante referir que estou ciente do valor da minha opinião sobre algo redigido pelo ilustre e multifacetado artista José de Almada Negreiros. Não quer isto dizer que a sua opinião seja irrefutável, mas sim que a minha está, de igual modo sujeita à possibilidade de retificação. É evidente que o fator do tempo desempenha um enorme papel neste confronto de ideias, todavia, considero que é exatamente este paralelismo entre duas épocas nos leva ao progresso.

Joana Faria